

PONTIFÍCIO ATENEU SANTO ANSELMO

Faculdade de Teologia

INSTITUTO SÃO PAULO DE ESTUDOS SUPERIORES

**Análise literária da Perícopes: Jo 15, 18 - 16, 33. Os discípulos, o mundo,
o Paráclito.**

LIMA Luis Miguel dos Santos

Trabalho da disciplina de Literatura Joanina e Cartas Católicas

Prof. Dr. Shigeyuki Nakanose

Análise literária da Perícope: Jo 15, 18 - 16, 33. Os discípulos, o mundo, o Paráclito.

Em nosso trabalho sobre a perícope de Jo 15, 18 - 16, 33, seguimos a divisão do professor Johan Konings em três partes.

I - A Inimizade do Mundo contra a Comunidade de Jesus (Jo 15,18–16,4a)

A perícope de Jo 15,18–16,4a insere-se no coração dos "discursos de despedida" de Jesus no Quarto Evangelho (Jo 13–17). Neste trecho, evidencia-se de maneira dramática a tensão entre a comunidade joanina e o "mundo", entendido não apenas como a realidade pagã, mas, de modo mais particular, como o sistema religioso judaico do final do século I. Tal conflito é representado teologicamente como continuidade da rejeição sofrida pelo próprio Cristo. O texto visa preparar e fortalecer a fé dos discípulos frente às perseguições, apresentando o amor de Deus como força que sustenta e justifica essa oposição radical.

O Evangelho segundo João apresenta uma clara dualidade entre os seguidores de Jesus e o "mundo" (gr. *kosmos*), que se manifesta como realidade hostil e incrédula. Jesus afirma que a comunidade será odiada porque não pertence ao mundo (Jo 15,19). Essa oposição não é circunstancial, mas teológica: decorre da escolha divina que separa e consagra a comunidade para viver segundo a lógica do amor – amor que, por sua radicalidade, se torna incômodo para as estruturas dominadas pelo egoísmo, poder e dominação.

Esse conflito, segundo Konings¹, não se limita a uma perseguição genérica, mas remete a uma realidade muito concreta: a exclusão e o conflito entre os cristãos de origem judaica e as autoridades sinagogais da época. O texto de João se insere, assim, no contexto da expulsão dos cristãos das sinagogas – especialmente após o sínodo de Jâmnia (c. 90 d.C.), quando o movimento cristão começou a ser oficialmente separado do judaísmo normativo. Em Jo 16,2, essa ruptura é apresentada com linguagem contundente: *"expulsar-vos-ão das sinagogas"*.

A perseguição à comunidade é interpretada como sinal de sua fidelidade ao Mestre. Assim como o servo não é maior que o senhor (Jo 15,20), os discípulos devem esperar o mesmo destino que Jesus. A oposição sofrida pela comunidade é um eco da rejeição sofrida por Cristo – e, por conseguinte, pela revelação do Pai (Jo 15,21-23). Tal lógica retoma o motivo joanino da *cegueira voluntária*, presente em Jo 9 e reforçada aqui: quem viu as obras e ouviu as palavras de Jesus, mas ainda assim o rejeitou, permanece na culpa (Jo 15,24-25).

¹ KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*. São Paulo: Edições Loyola, 2025. p. 294

A Escritura já havia previsto essa rejeição: “*Odiaram-me sem motivo*” (Sl 35,19; 69,4). A menção à “Lei deles” reforça que a perseguição não ocorre fora da tradição religiosa, mas a partir de sua má compreensão e uso distorcido.

Diante da tensão entre a comunidade e o mundo, Jesus promete o envio do Paráclito, o Espírito da Verdade (Jo 15,26). Esse Espírito exercerá uma função essencial: dará testemunho da verdade no “tribunal do mundo”. O contexto evoca claramente um processo judicial, em que a comunidade é ré, e o Espírito atua como advogado de defesa, sustentando a memória viva de Jesus.

Além do Espírito, os próprios discípulos são chamados ao testemunho: “*vós também dareis testemunho*” (Jo 15,27). No vocabulário joanino, testemunhar (*martyrein*) adquire um peso existencial: é dar a vida, como mártir. À época em que o Evangelho é redigido, o martírio já era uma realidade conhecida da comunidade. A referência à atuação violenta de Saulo (At 26,9), bem como à execução de Tiago (segundo Flávio Josefo), mostra como o conflito com o judaísmo não era apenas teórico, mas trágico e sangrento.

A função do discurso de Jesus é preventiva: “*para que não vos escandalizeis*” (Jo 16,1). O verbo *skandalízō* aqui expressa a tentação de abandonar a fé diante da tribulação. Jesus, como bom pastor, antecipa a realidade da perseguição para fortalecer os seus. O fim da perícopes (Jo 16,4a) retoma esse intuito: quando chegar a “hora”, os discípulos se lembrarão das palavras de Jesus. A referência à *hōra* (hora) tem peso teológico em João, indicando o momento decisivo da revelação e da prova. Aqui, ela marca a transição para um novo tema: a ausência de Jesus e a necessidade de perseverança, sustentada pela presença invisível do Espírito.

II. A missão do Paráclito (Jo 16,4b-15)

Após preparar os discípulos para a perseguição vindoura, Jesus volta-se agora para o tema central de sua despedida: o envio do Espírito-Paráclito, cuja atuação torna-se plenamente compreensível somente à luz de sua partida.

Ele reconhece que não lhes dissera tudo “desde o princípio”, pois estava com eles (cf. Jo 15,27). Sua presença os iluminava diretamente; sua companhia física lhes dava segurança. Mas agora, prestes a deixar o mundo, Jesus introduz o discípulo no mistério de sua ausência glorificada e da consequente presença do Espírito da Verdade.

O contexto é o da perseguição e rejeição, realidade que já se concretiza na vida da comunidade joanina. As palavras de despedida de Jesus fornecem uma chave hermenêutica para interpretar a experiência da cruz à luz da exaltação. Aquilo que antes não podia ser compreendido, agora é revelado com a ação do Espírito. Este, por sua vez, é inseparável do mistério pascal: o Espírito é o dom do Ressuscitado glorificado.

A ausência de Jesus não significa abandono. Pelo contrário, é precisamente “melhor” que Ele vá (v. 7), pois somente assim poderá enviar o Paráclito. Aqui está um ponto teológico de altíssima importância: a presença do Espírito não é uma substituição, mas a plenitude da presença do Senhor glorificado. O Espírito é o modo novo e definitivo de Cristo estar com os seus.

Enquanto na tradição anterior (Jo 14,16.26), o Espírito é enviado pelo Pai, agora é o próprio Cristo quem o envia. Isso manifesta, em linguagem trinitária, a comunhão do Filho com o Pai. A fé da Igreja reconheceu nesta duplicidade a origem do ensino do *Filioque*, expressão dogmática da unidade das operações divinas ad extra: o Espírito procede do Pai e do Filho, porque n’Eles tudo é comum² (cf. Jo 16,15).

Teologicamente, a missão do Espírito está enraizada em duas realidades:

1. Cristo na carne, no qual habita o Espírito;
2. Cristo glorificado, que comunica o Espírito como Senhor.

O Espírito de Deus não cessa com a morte de Jesus. Ao contrário, Ele continua agindo, agora como Espírito do Cristo glorificado. Ele é quem interpreta, transmite e atualiza a obra do Senhor. Age como mestre interior dos discípulos, revelando-lhes o sentido pleno das palavras e obras de Jesus (cf. Jo 14,26), como também os conduz à verdade plena (cf. Jo 16,13).

Ao vir, o Paráclito assume uma função dupla: defensor dos discípulos e juiz do mundo. No tribunal da história, o Espírito desmascara o mundo:

- Do pecado, que consiste na rejeição de Jesus como o enviado do Pai;
- Da justiça, revelada na glorificação de Jesus, paradoxalmente alcançada pela cruz;
- Do julgamento, pois o príncipe deste mundo — símbolo do poder anticristico — já está vencido.

Neste tribunal escatológico, não é o mundo que julga a comunidade, mas é o Espírito que julga o mundo. A cruz, longe de ser sinal de fracasso, é, para João, a exaltação gloriosa do Filho do Homem. E é neste mistério de cruz e glória que o Espírito introduz os discípulos, ensinando-lhes que o escândalo da cruz é, na verdade, a revelação do amor salvador de Deus.

² KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*. São Paulo: Edições Loyola, 2025. p. 297

O processo com o mundo e a vitória do Espírito da Verdade

A partir do capítulo 15 do Evangelho segundo São João, torna-se explícito o confronto dramático entre a comunidade cristã e o mundo. Esse “mundo” (*kosmos*), na linguagem joanina, não é a criação em si — que procede de Deus e é boa — mas a estrutura de pecado que rejeita a luz, odeia a verdade e se opõe ao Cristo. O termo adquire aqui densidade espiritual: refere-se àquilo que se submete ao “príncipe deste mundo” (Jo 16,11), o qual, embora já julgado e vencido pela cruz, continua a manifestar sua resistência na história.

A narrativa de João se constrói como um verdadeiro processo judicial: há acusações, testemunhos e julgamento. O mesmo destino que coube ao Mestre está reservado ao servo (Jo 15,20), e isso constitui para os discípulos não uma tragédia, mas um sinal de fidelidade. A Igreja nascente, meio século após a Páscoa do Senhor, reconhece-se nesse processo contínuo: desprezada, expulsa da sinagoga, perseguida por confessar o Nome — está participando da mesma missão de Cristo, e isso lhe confere autenticidade.

Nesse drama, a figura do Paráclito, o Espírito da Verdade, revela-se essencial. Como defensor celestial (*parákletos*), ele se apresenta não como consolador sentimental, mas como aquele que assume a defesa dos discípulos contra a acusação do mundo. Sua ação é eminentemente jurídica e escatológica: ele denuncia o pecado do mundo (por não crer em Cristo), manifesta a justiça de Jesus (por ser glorificado pelo Pai) e proclama o juízo que já recai sobre o maligno (Jo 16,8-11).

Jesus declara: “Tenho ainda muitas coisas a vos dizer, mas não sois capazes de compreender agora” (Jo 16,12). Este limite não é um fracasso, mas uma pedagogia. A verdade plena não é dada de uma vez por todas como um bloco fixo, mas se desdobra à medida que a comunidade, guiada pelo Espírito, caminha na história. O Espírito da Verdade revela com profundidade aquilo que já foi dado em Cristo. Ele é memória viva, intérprete fiel, e presença atual de Deus no meio da Igreja.

“A verdade na qual o Espírito da Verdade nos conduz não é algo estático, coisa feita e acabada, mas a compreensão certa de cada novo momento.” (Página 299)

A revelação continua, o Espírito anuncia aquilo que é de Cristo, e tudo o que é de Cristo é também do Pai. A comunhão trinitária se desdobra na missão da Igreja, que permanece firme, mesmo em meio às perseguições, porque crê que “o príncipe deste mundo já foi julgado” (Jo 16,11).

III. “Um pouco de tempo”: a ausência e a alegria que ressurge (Jo 16,16-33)

A terceira parte do discurso de despedida desenvolve, com notável profundidade, o tema do “pouco tempo”, introduzido anteriormente (cf. Jo 14,19). A expressão enigmática — “*um pouco de tempo e não me vereis, e mais um pouco e me vereis de*

novo” — ecoa o drama da ausência do Senhor, vivido de forma aguda pela comunidade joanina no final do primeiro século. Na perspectiva da narrativa, refere-se à iminência da morte e ressurreição de Cristo, mas, para os leitores da época da redação final do Evangelho, ressoa como um eco prolongado de espera diante da ausência visível do Senhor e da aparente demora da sua parusia.

A resposta de Jesus permanece inalterada: os discípulos, mesmo no tempo da ausência, devem permanecer firmes, sustentados pelo Espírito da Verdade, até que a alegria da presença gloriosa de Cristo lhes seja restituída. O breve tempo de sofrimento está inserido num horizonte de glória. Assim como a mulher em trabalho de parto sofre antes da alegria do nascimento (Jo 16,21), também os discípulos passarão pela tristeza antes de experimentarem a plenitude da alegria definitiva (16,22). A imagem das dores de parto, recorrente na literatura profética e apocalíptica (cf. Is 26,17-20), é aqui assumida para descrever o drama escatológico vivido pela comunidade. A dor, embora real, é transitória, pois conduz ao nascimento de algo novo: a alegria de ver o Ressuscitado.

A partir dessa dinâmica pascal — sofrimento que se transforma em alegria — João apresenta a alegria cristã como um dom escatológico já presente na história. A “alegria” mencionada por Jesus não é eufórica nem superficial, mas fruto do amor e da comunhão com Ele (cf. Jo 15,11). Trata-se de uma alegria que nada nem ninguém poderá tirar (Jo 16,22), porque não depende das circunstâncias do mundo, mas da presença de Cristo glorificado, já comunicada pela ação do Espírito.

O Evangelho de João é, depois de Lucas, o que mais destaca o tema da alegria. Desde a alegria de João Batista ao ver o Esposo (Jo 3,29), passando pela alegria da colheita (4,36), pela alegria de Jesus ao ver os discípulos crerem (11,15) e pela promessa de alegria plena (16,24; 17,13), até culminar na alegria do reencontro com o Ressuscitado (20,20), toda a narrativa joanina se move rumo à superação da tristeza pela vitória do amor. A tristeza presente, pois, torna-se prelúdio da glória.³

Jesus, ao prometer que “naquele dia” os discípulos não lhe farão mais perguntas (Jo 16,23), indica que chegará o tempo da *parresía*, da transparência e da clareza. A fé, então, será luminosa. O relacionamento com Deus já não será mediado por enigmas, mas pela abertura total da revelação. A “hora” do Espírito, que introduz os discípulos em toda a verdade (16,13), é a mesma hora da comunhão íntima com o Pai, por meio do Filho.

O trecho conclui com uma confissão dos discípulos, que reconhecem finalmente a clareza das palavras do Senhor (Jo 16,29-30). No entanto, como em outras passagens, João deixa transparecer que essa confissão ainda é imatura: “*Agora credes?*” (v. 31). Jesus antecipa que todos o abandonarão (v. 32), retomando os

³ KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*. São Paulo: Edições Loyola, 2025. p. 301

temas do capítulo 13, especialmente a precipitação de Pedro em afirmar fidelidade antes da hora. A solidão de Jesus e a dispersão dos discípulos não impedem, porém, que Ele proclame com firmeza: “*Tende coragem: eu venci o mundo*” (16,33).

Essa afirmação final sintetiza todo o caminho pascal proposto nos capítulos anteriores. A vitória de Cristo não é futura, mas já realizada, embora ainda a ser plenamente manifestada. O “pouco tempo” é, assim, o tempo do testemunho e da perseverança, o tempo da fé que gera alegria, mesmo entre dores, pois está enraizada na certeza de que o amor venceu o mundo.

Conclusão: Atualização do tema.

A promessa de Jesus em João 16, de que a tristeza se transformará em alegria, continua a ressoar profeticamente nas situações de sofrimento e injustiça que marcam o nosso tempo. O “pouco tempo” da ausência do Senhor é vivido hoje por milhões de pessoas nas periferias existenciais e geográficas, onde a vida é constantemente ameaçada pela pobreza, pela violência, pela exclusão e pelas estruturas de pecado. Entretanto, a esperança escatológica da comunidade joanina — longe de ser uma fuga do mundo — se torna força para transformar a realidade. A alegria que ninguém pode tirar é aquela que brota no coração dos pobres que lutam por seus direitos mesmo sob perseguições ou abandono.

Exemplos contemporâneos:

1. Os povos indígenas e quilombolas, frequentemente invisibilizados e ameaçados em seus territórios, vivem o “pouco tempo” como tempo de resistência. Contudo, a consciência de serem guardiões da criação e filhos de Deus lhes dá uma alegria interior que o sistema não pode destruir — uma alegria profética que denuncia e anuncia.
2. As mulheres marginalizadas — em especial mães solo, vítimas de violência doméstica e exclusão — transformam sua dor em cuidado, em comunidade, em solidariedade. Como a mulher em trabalho de parto (Jo 16,21), geram vida nova para a sociedade com coragem evangélica.
3. Os jovens das periferias urbanas, privados de oportunidades, mas que se organizam em projetos de arte, cultura, espiritualidade e ecologia integral. Eles anunciam, com sua criatividade e fé, que a tristeza do abandono pode se converter em esperança transformadora.

Nesta perspectiva, a promessa de Jesus se torna um apelo: não basta esperar o Reino, é preciso construí-lo, com os pobres e a partir deles. A alegria cristã,

libertadora, não se reduz a consolo íntimo, mas se expressa em festa, em comunhão e em compromisso com a transformação das estruturas injustas.

Como diz Papa Francisco:

“A maior ameaça ao nosso tempo é a tristeza individualista que nasce do coração acomodado e avarento, da busca do prazer superficial. [...] O Evangelho convida-nos sempre a correr o risco do encontro com o outro” (Evangelii Gaudium, 2, 88).

Bibliografia

KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*. São Paulo: Edições Loyola, 2025. p. 292–304.

MALZONI, Cláudio Vianney. *Evangelho segundo João*. São Paulo: Paulinas, 2018. p. 253–263.